

# **BELAS, RECATADAS E DO LAR? A FIGURA FEMININA E A INFIDELIDADE CONJUGAL EM CONTOS DE CERVANTES E MACHADO DE ASSIS**

Danilo Correia Santos Andrade<sup>1</sup>

Átila Sabrina Bispo Santos<sup>2</sup>

GT 1 – Literatura e Cultura

**RESUMO:** O presente trabalho visa analisar, por meio da comparação, como estão representadas as figuras femininas inseridas no contexto do tema da infidelidade conjugal. Os contos selecionados para cotejo são “El curioso impertinente” do espanhol Miguel de Cervantes e “A Cartomante” do brasileiro Machado de Assis. Para tanto, recorreremos ao estudo da Tematologia para averiguar as transformações do tema utilizado pelos autores e como inserem as mulheres nas composições. Inicialmente, abordaremos questões teóricas sobre a Tematologia; posteriormente comentaremos cada um dos contos para, finalmente, estabelecer a análise comparativa. Veremos, portanto, como as mulheres eram limitadas a ser do lar e recatadas, além de serem absurdamente tratadas como propriedade de seus maridos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Figura Feminina. Infidelidade Conjugal. Tematologia. Literatura Comparada.

**RESÚMEN:** Este trabajo objetiva hacer un análisis comparativo de las figuras femeninas presentadas en un contexto del tema de la infidelidad conyugal. Los cuentos seleccionados son “El curioso impertinente” del español Miguel de Cervantes y “A Cartomante” del brasileño Machado de Assis. Para eso, basados por el estudio de la Tematología, investigaremos las transformaciones del tema utilizado por los escritores y como insieren las mujeres en estas composiciones. Empezamos con cuestiones teóricas acerca la Tematología para después comentar cada uno de los cuentos y, al fin, establecer la comparación. Veremos cómo las mujeres eran limitadas a ser del lar y recatadas hasta el absurdo de volverse a ser tratadas como propiedades de sus esposos.

**PALABRAS-CLAVE:** Figura Femenina. Infidelidad Conyugal. Tematología. Literatura Comparada.

## **INTRODUÇÃO**

Este trabalho objetiva verificar e expor as transformações que o tema da infidelidade conjugal teve em dois textos de tempo e locais distintos, e a participação das mulheres no enredo dessas histórias. Para isso, recorrer-se-á ao estudo da Tematologia, a qual é definida

---

<sup>1</sup>Graduado em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); GELIMIS; daniloandrade@live.com

<sup>2</sup> Graduada em Letras Português-Espanhol pela Universidade Federal de Sergipe (UFS); Pós-graduanda, GELIMIS; Professora de espanhol e redação no Colégio Cristo Rei; atilasabrina@gmail.com

como “el sector de la investigación que se ocupa del estudio comparado de los temas y de los mitos literarios” (GNISCI, 2002, 129).

Deve-se enfatizar a importância desse ramo da Literatura Comparada, pois é comparando os temas que vem à luz a ideologia e como o imaginário se molda e modula no tempo e nas distintas culturas. Assim, esse estudo tem como objetivo principal o de verificar a participação feminina na ideologia e no imaginário social em se tratando de infidelidade conjugal – além de evidenciar adaptações e/ou transformações das ideias e costumes reveladas pelo estudo do tema, matéria literária.

Esse projeto contempla dois escritores: Miguel de Cervantes, escritor espanhol do século XVII e Machado de Assis, escritor brasileiro do século XIX, com os respectivos contos cujo tema é o da infidelidade conjugal: “El curioso impertinente” de Cervantes e “A Cartomante” de Assis.

Para isso, num primeiro momento, abordaremos questões teóricas sobre a tematologia, posteriormente comentaremos cada um dos contos para, finalmente, estabelecer a análise comparativa. Como veremos, o estudo de temas é um campo que mesmo que seja intensamente trabalhado não apresentará esgotamento de fonte, pois os temas são móveis, flexíveis, polissêmicos, multiformes e sujeitos às múltiplas possíveis leituras. Além disso, veremos como as mulheres são ora limitadas a serem recatadas e do lar, ora são serpentes e culpadas da infidelidade. Além do mais são ou tratadas como propriedade por seu marido ou fontes de desconfiança.

## TEMATOLOGIA

É o ramo da literatura comparada surgido no ano de 1970, que estuda as fontes e conservação, mutação e migração dos temas através dos tempos. Esses temas podem se reduzir a uma ou duas palavras (infidelidade conjugal, o duplo, o horror) ou chegar a se sintetizar em um nome próprio – entendido como universal e eterno – naqueles textos literários nos quais possuem uma grande carga significativa e simbólica (Medusa, Édipo, Antígona). Mesmo que cada literatura nacional acrescente significados, o significado maior de tais nomes como tema permanece inalterado.

Para analisar como determinado tema tem sido trabalhado dentro da literatura, é preciso estar atento também ao externo da obra, como nos alerta Ana Trocchi em seu estudo “Temas y mitos literarios”, citando Trousson: “Cualquiera que sea el método de estudio utilizado, la odisea de un tema asume su propio significado solamente en el contexto de la historia en el sentido más amplio del término – historia política, social, literaria, estética (...)” (TROUSSON apud TROCCHI, 2002, 135). Além disso, é comparando os temas que vem à luz a ideologia e como o imaginário se molda e modula no tempo e nas distintas culturas. (TROCCHI, 2002).

Ana Trocchi nos chama atenção à finalidade de um estudo temático, que, citando Trousson, é interpretar as variações e metamorfoses de um tema literário através dos tempos e sua relação com o contexto histórico, ideológico e intelectual com que foi escrito, assim como evidenciar as adaptações desse tema de acordo com as transformações das ideias e dos costumes.

Dentro deste estudo é necessário fazer algumas distinções, tais como: temática e temologia, temas de herói e de situação, tema e motivo. Como já vimos, temologia se encarrega de comparar as transformações históricas de um tema através de múltiplos textos. Já a temática, indaga o tema, é uma metodologia crítica. (TROCCHI, 2002)

Temas de herói são aqueles em que a atenção do leitor recai nos nomes. Estão relacionados, desta forma, a uma figura mítica “que se vuelve autónoma respecto a la ‘situación’, superándola y llegando a ser la encarnación típica de una idea: progreso, libertad, rebelión, conocimiento” (TROCCHI, 2002). Já nos temas de situação a atenção recai na situação, não se pensa nos personagens, mas sim nas circunstâncias externas à que seu destino está ligado. (PÉREZ-PEDRERO, 2009) Assim, a figura principal não tem uma existência independente do cenário narrado e da estrutura de relações permanentes configuradas por ele: “el personaje se define en relación a un conjunto inmutable en el plano de las circunstancias.” (TROCCHI, 2002, 136-7) Os motivos, por sua vez, são unidades temáticas elementares e subordinadas que em conjunto formam uma unidade maior capaz de organizar diversos motivos – a esse conjunto denomina-se tema.

O estudo de temas é um campo que, mesmo sendo intensamente trabalhado, não apresentará esgotamento de fonte, pois são móveis, flexíveis, polissêmicos, multiformes e sujeitos às múltiplas possíveis leituras. O importante é destacar e ressaltar as múltiplas

significações do tema, “aislar sus elementos constitutivos, definir las direcciones que toman, y finalmente poner de relieve su polivalencia.” (TROUSSON apud TROCCHI, 2002, 163)

Partiremos agora para os comentários de cada conto, a fim de averiguar como cada um particularmente trabalha o tema da infidelidade conjugal, tema de situação – pois mesmo que alguns nomes de personagens aparentemente saltem frente aos acontecimentos, é a situação que chama atenção, as atitudes e suas consequências que se sobressaem no texto narrativo dos autores selecionados –, e como acontece a participação feminina neles.

## EL CURIOSO IMPERTINENTE, DE CERVANTES

Nos capítulos XXXIII-XXXV da primeira parte de *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*, escrita pelo espanhol Miguel de Cervantes, está um dos mais famosos contos cervantinos: “El Curioso Impertinente”. A história narrada por um vigário da aldeia numa taberna enquanto Dom Quixote dorme sonhando com gigantes é, sem dúvidas, uma das mais estudadas e discutidas no meio acadêmico por todo seu valor literário.

O conto narra a história de dois amigos inseparáveis, Anselmo e Lotario cuja cumplicidade é o eixo que move a narração. Os dois são amigos tão íntimos que é Lotario quem consegue que Anselmo se case com quem estava perdido de amores: Camila, “una doncella principal y hermosa de la misma ciudad, hija de tan buenos padres y tan buena ella por si” (CERVANTES, 1998, 376). Assim, Lotario decide afastar-se do casal, pois não convinha pensar que a amizade seria a mesma de quando eram solteiros, uma vez que “es tan delicada la honra del casado” (CERVANTES, 1998, 376).

Anselmo percebe a distância do amigo e o pede que volte a frequentar a casa como antes, assegurando que sua esposa não teria outro gosto nem outra vontade que a que ele tivesse (CERVANTES, 1998, 377) – consideremos, então, que a esposa era submissa às vontades e gostos do esposo. Além de submissão, era controlada e vigiada, pois, ao responder ao amigo, Lotario diz que o casado a quem o céu concedeu mulher “hermosa tanto cuidado había de tener qué amigos llevaba a su casa como en mirar con qué amigas su mujer conversaba” (CERVANTES, 1998, 377). Por fim, o acordo decidido é que Lotario os visite dois dias na semana e que não passasse disso para que a honra do amigo não fosse ofuscada, uma vez que seria Lotario aquele que zelaria a honra dos casados.

É justamente por crer na lealdade e discrição do amigo que Anselmo lança a conhecida proposta de colocar Camila à provação, acreditando que sua esposa somente era boa, perfeita e leal porque não teve a devida oportunidade de trai-lo: “Porque ¿qué hay que agradecer – decía él – que una mujer sea buena si nadie le dice que sea mala? ¿Qué mucho que esté recogida y temerosa la que no le dan ocasión para que se suelte (...)?” (CERVANTES, 1998, 379). Dessa maneira, Anselmo pede a Lotario que mostre a Camila que a deseja, que possui certo interesse por ela. Mas, aquele amigo discreto e leal desde o primeiro momento se recusa a exercer tal tarefa. Mediante tal pedido, Lotario afirma que seu amigo deseja “quitarte la honra y la vida, y quitármela a mi juntamente, porque si he de procurar quitarte la honra, claro está que te quito la vida” (CERVANTES, 1998, 381). Isso nos leva a refletir sobre a questão da honra nos tempos em que o *Quixote*<sup>3</sup> foi publicado. Pois o conceito de “honor conyugal” tinha um código particularmente rigoroso. Se esse "honor" se encontrava ameaçado, o esposo estava obrigado a se vingar de maneira rápida e secreta a afronta sofrida, sendo ela consumada ou não. A solução mais frequente era a morte da esposa infiel e do homem ofensor.

“Honra” e “honor” possuem aqui uma relação de união, uma vez que a primeira está ligada ao externo, à aprovação da sociedade, e a segunda está ligada ao interno, ao conjunto de princípios morais reconhecido por todos. Lotario une, portanto, os dois conceitos existentes de sua época para explanar ao amigo que tanto seus valores internos certificados pela sociedade quanto os juízos de valores que essa sociedade possuía em relação a eles seriam feridos, sendo a morte mencionada, a morte física (pois “honra” e “vida” estão profundamente equiparadas) e/ou a morte social (exclusão e desmoralização dos indivíduos na sociedade). (MARTÍNEZ, 2008)

Lotario tenta argumentos para alertar o amigo do grande perigo que essa tarefa teria como consequência, do quão desnecessário e impertinente era seu desejo. Para isso, explica a natureza da mulher, “animal imperfecto, y que no se le han de poner embarazos donde tropiece y caiga, sino quitárselos y despejalle el camino de cualquier inconveniente, para que sin pesadumbre corra ligera a alcanzar la perfección que le falta, que consiste en el ser virtuosa” (CERVANTES, 1998, 385). Além disso, Lotario diz que não há joia no mundo que tanto valha como a mulher casta e honrada, “y que todo el honor de las mujeres consiste en la opinión buena que dellas se tiene” (CERVANTES, 1998, 385).

---

<sup>3</sup> É convenção entre os cervantistas referir-se ao personagem como “Dom Quixote” e à obra como o *Quixote*.

Ainda compara as mulheres castas e honestas com “arminio, y es más que nieve blanca y limpia la virtud de la honestidad, y el que quisiere que no la pierda, antes la guarde y conserve (...). Hase de usar con la honesta mujer el estilo que con las reliquias: adorarlas y no tocarlas.” (CERVANTES, 1998, 385-386).

Anselmo persiste em sua vontade e ainda ameaça que pediria a outro que o fizesse, caso Lotario não quisesse. Assim, este decide realizar o anseio do amigo. No entanto, ele reluta em participar desse plano e resolve enganar o parceiro, fingindo que investia em Camila quando estavam sozinhos, sem nem dirigir uma só palavra à mulher, na verdade. Até que o amigo percebe a farsa e reclama a Lotario, que, tendo sua honra abalada por ser pego na mentira, diz que a partir daquele momento o satisfaria em acabar com sua suspeita, mesmo discordando, mesmo sabendo que Anselmo cavava sua própria cova.

Anselmo avisa a Camila que Lotario estaria presente nos dias de sua ausência e ordena que ela o trate da mesma forma que lhe tratava. “Como mujer discreta y honrada”, Camila replica dizendo que ninguém poderia ocupar o lugar do marido em sua ausência e que ela saberia sozinha governar sua casa. Mas Anselmo não dá ouvidos e afirma que é sua vontade e que tem de ser obedecida, mesmo contra sua vontade, assim Camila o faz. Ela até reluta, mas se rende às investidas de Lotario. Anselmo volta e procura saber por seu amigo o resultado e Lotario responde que Camila é um exemplo de mulher boa, “es archivo donde asiste la honestidad y vive el comedimiento y el recato y todas las virtudes que pueden hacer loable y bien afortunada a una honrada mujer.” (CERVANTES, 1998, 397).

Anselmo não se contenta e pede ao amigo que escreva alguns versos para sua esposa, porém sob o pseudônimo de Clori e ele mesmo diria a Camila que essa Clori era sua paixão. Mas já avisada por Lotario, Camila não dá importância quando seu marido comenta a suposta paixão de Lotario, pensando poder ver algum rastro de ciúmes, mas sua façanha não tem êxito. O que ele não sabe é que o ciúme estava sim presente na relação de Lotario e Camila, mas se apresentou de outra forma.

Lotario, um dia, vê um homem sair da casa do amigo e pensa tratar-se de algum amante de Camila que, como se rendeu facilmente a ele, poderia se render a qualquer um agora. Assim, Lotario pede que Anselmo se esconda e ouça da própria Camila a pouca lealdade que ela tinha. Mas, numa conversa com ela, Lotario descobre que o homem que viu era amante de Leonela, sua criada, que recebia rapazes na casa e com eles ficava até o amanhecer. Lotario revela o plano a ela e juntos elaboram um teatro para que Anselmo

acredite de vez que sua esposa é sim digna de sua confiança. Fingiria se ferir, uma quase-morte, surpreendendo a todos os presentes. Escondido e “atentísimo había estado Anselmo a escuchar y a ver representar la tragedia de la muerte de su honra, la cual con tan estraños y eficaces afectos la representaron los personajes della, que pareció que se habían transformado en la misma verdad de lo que fingían” (CERVANTES, 1998, 414). Mais uma vez, honra se relaciona à morte. Porém num sentido mais romântico da parte de Anselmo, uma vez que percebe que a esposa era virtuosa e que todas as tentativas que realizou para colocá-la em provação foram nada mais que golpes à honra de sua mulher e, conseqüentemente à sua própria.

No entanto, Anselmo flagra a fuga pela janela do amante de Leonela, e ele ameaça matá-la se não dissesse quem seria, desconfiando ainda da esposa. Ela promete contar tudo pela manhã e permanece trancada no quarto por Anselmo, que relata tudo a Camila. Esta, logo desconfia que Leonela contará tudo sobre seu caso com Lotario ao esposo e enquanto este dormia, fugiu para a casa daquele com suas joias. Lá, ela pede que seu amante a esconda ou que os dois fujam de Anselmo. O amigo do curioso decide deixá-la num monastério enquanto ele se ausenta da cidade.

Ao despertar, Anselmo vai até o quarto onde havia deixado Leonela trancada e percebe que ela fugira pela janela. Procura, então, Camila para falar do ocorrido e também não a encontra, assim como percebe que os cofres estavam vazios. Ele decide desabafar com o melhor amigo. Mas lá é notificado pelos criados que Lotario não só não havia passado a noite em casa, como não sabiam onde estava e que ele havia partido com todo o dinheiro. Voltou a sua casa e percebeu que nem os criados estavam mais lá e se vê completamente só e vazio. Sem mulher, sem amigo, sem criados, desamparado “y sobre todo sin honra”. (CERVANTES, 1998, 421) O texto segue ratificando a ligação entre o adultério e a honra, pois Anselmo “en la falta de Camila vio su perdición” (CERVANTES, 1998, 421).

Até que Anselmo encontra um cavalheiro vindo de Florença e este relata que Lotario fugiu com Camila, esposa de Anselmo e diz que estranhava essa atitude, uma vez que “los llamaban *los dos amigos*” (CERVANTES, 1998, 421). Atordoado, Anselmo chega a casa de um amigo e pede materiais para escrever uma carta perdoando Camila, já que sentia que perdia a vida. Ele não chega a terminá-la e morre “del dolor que le causó su curiosidad impertinente.” (CERVANTES, 1998, 422) Lotario morre numa guerra e, ao saber disso, Camila morre de tristeza.

## A CARTOMANTE, DE MACHADO DE ASSIS

Publicado pela primeira vez em 1884 na *Gazeta Notícias* do Rio de Janeiro e posteriormente incluído no livro *Várias Histórias* (1896), o conto selecionado para o cotejo aparenta simplicidade, mas é repleto de ironias disfarçadas (característica já conhecida de Assis), narração devidamente construída e costurada com um desfecho surpreendente, vivida por personagens bastante interessantes.

Camilo e Vilela são amigos de infância. O primeiro, dependente da mãe, o outro, advogado que se casa com “a bela Rita” (ASSIS, 1994, 91) e volta a viver em Botafogo onde abre um escritório. Ela, “graciosa e viva nos gestos, olhos cálidos, boca fina e interrogativa” (ASSIS, 1994, 92) chama a atenção de Camilo.

A relação entre os futuros amantes se estreita quando a mãe de Camilo morre. Rita “tratou especialmente do coração, e ninguém o faria melhor (...); era a sua enfermeira moral, quase irmã, mas principalmente era mulher e bonita” (ASSIS, 1994, 92) Vilela permanece oculto, sendo ainda mero coadjuvante.

O narrador confessa que Camilo tentou fugir, mas “Rita, como uma serpente, foi-se acercando dele, envolveu-o todo, fez-lhe estalar os ossos num espasmo, e pingou-lhe o veneno na boca” (ASSIS, 1994, 93). O remorso e o desejo tempestuam a mente de Camilo. Até que não consegue mais lutar e há a vitória de Rita, “de olhos teimosos” e, por fim, “adeus, escrúpulos!” (ASSIS, 1994, 93). Vilela segue não sabendo nem, no mínimo, desconfiando do que se desenvolve debaixo de seu nariz.

Até que Camilo recebe uma carta anônima, dizendo que a aventura era sabida de todos e acusando-o de imoral. Assim, ele decide diminuir a quantidade de visitas à casa do amigo. Tanto diminui que acaba não indo mais visitá-lo. Questionado por Vilela, Camilo responde ser uma paixonite que anda lhe tirando tempo. É então que Rita começa a desconfiar e se dirige a uma cartomante em busca de respostas. Lá, a mulher lhe fala que o rapaz a ama e não a esquecerá. Aliviada, ela conta a experiência a Camilo, que debocha da atitude da amante e a repreende, mesmo sentindo-se lisonjeado.

Camilo recebe mais algumas cartas anônimas, fazendo-o temer que esse anônimo dissesse tudo ao esposo da amante, desencadeando uma catástrofe. Rita concorda e decide levar consigo as cartas, pois se alguma chegasse e fosse escrita com as mesmas letras, impediria que Vilela lesse. No entanto, “nenhuma apareceu; mas daí a algum tempo Vilela

começou a mostrar-se sombrio, falando pouco, como desconfiado.” (ASSIS, 1994, 94). Rita diz ao amante que seria melhor que ele voltasse a visitá-los e que provavelmente Vilela lhe segredasse algo. Camilo decide que é melhor não voltar depois de tanto tempo, deixar de se encontrar com ela por algum momento e, depois de combinarem como se daria a comunicação, se separaram.

Mas no dia seguinte, ele recebe um bilhete de Vilela, pedindo um encontro urgente em sua casa. Unindo uma impressão de que a letra estava trêmula, Camilo suspeita que Vilela descobriu tudo e está para matá-lo. Mesmo assim, decide ir, mas antes passa em casa a fim de saber se não há algum aviso de Rita, e não há. Cogita ir armado, porém rejeita a ideia, com vergonha de si mesmo.

Bastante preocupado, cheio de suposições, pega a condução que o levará à casa de Vilela e Rita, e tem pressa. Contudo, uma carroça caída impede a passagem numa parte do caminho e Camilo tem de esperar. Minutos depois percebe que está ao lado da casa da cartomante, outrora consultada por Rita. Agitado e nervoso decide também consultá-la, saber se aconteceria algo com Rita e com ele. A cartomante diz “que não tivesse medo de nada. Nada aconteceria nem a um nem a outro” e que “ele, o terceiro, ignorava tudo. Não obstante, era indispensável muita cautela; ferviam invejas e despeitos. Falou-lhe do amor que os ligava, da beleza de Rita...” (ASSIS, 1994, 96) Aliviado, paga à cartomante e vai em direção à casa do amigo, recordando “os termos da carta de Vilela e reconheceu que eram íntimos e familiares. Onde é que ele lhe descobrira a ameaça?” (ASSIS, 1994, 97) 19

Com a rua livre, dispara rumo ao destino agora mais confiante, com o coração “alegre e impaciente, pensando nas horas felizes de outrora e nas que haviam de vir” (ASSIS, 1994, 97). Finalmente chega à casa de Vilela e é recebido por este, que o conduz à sala onde “estava Rita morta e ensangüentada” (ASSIS, 1994, 98). E então, “Vilela pegou-o pela gola, e, com dois tiros de revólver, estirou-o morto no chão” (ASSIS, 1994, 98), dando fim ao romance extraconjugal.

Honra e infidelidade estão também interligadas no conto machadiano. A honra é vital para Vilela e o único meio para defendê-la é o homicídio daqueles que a afrontaram. Essa informação fica implícita no texto narrativo, uma vez que não é citada nenhuma vez a palavra “honra” no decorrer da narração. De questão histórica, Daniel Gomes da Fonseca em seu trabalho “Não as matem! A figuração do uxoricídio em ‘A Cartomante’ de Machado de Assis” (2012), nos informa que apesar do Código Criminal Brasileiro considerar o adultério

como crime, sujeito à prisão temporária, o que orientava a prática jurídica eram o direito consuetudinário – baseado no costume – e as Ordenações Filipinas (1603), que estabelecem, no Livro V, tít. XXXVIII: “Achando o homem casado sua mulher em adultério, licitamente poderá matar assim a ela, como o adúltero” (FONSECA, 2012, 43).

Ele ainda afirma que “a realização do uxoricídio em uma narrativa (...) têm o traço comum de retratá-lo como instrumento de opressão e controle. Revela-se a verdadeira natureza da ‘defesa da honra’: ser a ferramenta mais extrema de agrilhoamento da mulher” (FONSECA, 2012, 45), ou seja, a honra e a infidelidade conjugal também estão ligadas, mas dessa vez de forma implícita e sutil, apenas notável na atitude de Vilela.

Fonseca, ademais, informa que o fator primordial para a morte dos amantes foi a ideia de propriedade amorosa: Vilela ser dono de Rita, estando assim protegido pela lei, pela moral e pelos costumes; Camilo seria o invasor, prejudicando tal equilíbrio. Numa ligação estreita entre liberdade e fatalidade, Fonseca comenta que “o destino nem é inexoravelmente articulado por uma força misteriosa, exterior e superior à humanidade, nem está nas mãos de indivíduo algum, isoladamente. O realismo do conto reside em mostrar como os seres o constroem em uma complexa relação entre ação individual, acaso e necessidade social” (FONSECA, 2012, 51).

## ANÁLISE COMPARATIVA

No que diz respeito ao tema literário, ambos possuem eixo semelhante: são dois amigos de infância que se apaixonam pela mesma mulher, a qual se casa com um deles e trai com o outro. Mas aqui começam as distinções. Pois, se é Lotario quem consegue a realização do casamento entre Camila e Anselmo, em “A Cartomante”, Rita já está casada com Vilela quando conhece Camilo.

O início dos romances extraconjugais também é distinto: se no texto cervantino, Camila e Lotario se apaixonam porque Anselmo deseja testar se sua esposa é fiel, Rita e Camilo já estão envolvidos em uma relação secreta desde o início do conto e não se sabe a origem. Mas, se sabe que não foi impulsionado por Vilela, pois Rita foi a serpente que envolveu Camilo e pingou-lhe o veneno na boca.

A questão da honra é algo que merece ser observado. Enquanto que em “El Curioso”, os personagens se referem à honra, desejam mantê-la e buscam fugir da desonra, ou seja, é algo que era explicitamente importante para o contexto da época, chegamos ao conto “A Cartomante” com nenhuma menção direta à honra. Apenas a atitude de Vilela que nos leva a crer que foi realizada para defender sua honra.

O fim dos dois romances possui desenvolvimento e significações distintas, embora possam ter um traço de lição de moral semelhante. Camila acha que Anselmo descobriu tudo e foge em busca do amado, Lotario. Ele a deixa num monastério e morre numa guerra, enquanto que Anselmo morre de tamanha angústia, assim como Camila morre de tristeza ao saber da morte do amante. Pode-se ver que Cervantes procurou dar uma significação onde a moral vença. Todos tiveram sua parcela de culpa e todos morrem. O castigo foi a infelicidade dos três e a morte amarga. Já no texto de Machado de Assis, o castigo também é a morte, no entanto é a punição de Vilela por desonrarem-no. O casal erra e são mortos pelo traído, a pena dos pecadores.

O que nos leva a mais uma diferença: enquanto Anselmo perdoa Camila e reconhece que foi sua curiosidade impertinente que desencadeou o infortúnio, Vilela faz sua justiça com as próprias mãos – surpreendendo o leitor, pois até então ele estava oculto e mal aparecia no texto – e assim ele toma medidas para solucionar sua honra manchada. No entanto, foi a cartomante quem encorajou Camilo e podemos dizer que ela o empurrou para a armadilha. Possuindo um papel importante como esse, poderia ter “acertado”, avisado que Vilela o esperava para matá-lo e mudar todo o rumo da história, mas ela “erra” e ajuda Vilela em sua vingança.

Já em “El Curioso Impertinente”, vemos que Leonela possui função idêntica à Cartomante, pois assim como esta, a outra promove a tragédia final do conto cervantino. Leonela protela a explicação para o dia seguinte, o que faz com que os amantes tenham tempo para fugir e Anselmo, dessa forma, descobre a traição quando já não havia nada mais a fazer e ninguém para procurar. Se no texto machadiano, é a cartomante quem impulsiona Camilo para a morte, no texto espanhol, é Leonela quem induz a fuga dos amantes culminando na morte.

Por fim, no que tange à participação feminina nas narrações, vemos que ambas são sempre adjetivadas como belas, *hermosas*. Camila é casta, honesta, recatada, boa, precisa ser e é submissa ao marido, procura obedecê-lo, é discreta e tem de ser honrada. É, ainda, animal

imperfeito a caminho de ser virtuosa, perfeita. Ou seja, o conto cervantino explana muito bem o ideal de esposa para a sociedade espanhola do séc. XVII. A mulher precisava ser bem falada e qualquer coisa negativa, por mínima ou falsa que seja, seria um grande problema, principalmente para o marido. No entanto, Camila não se limita a esse estereótipo e, ao se render às investidas de Lotario, passa a ser dissimulada, atua para convencer o marido de que é fiel. Quando desconfia que será descoberta, foge e planeja ir distante com o amante, mostra-se uma mulher decidida a viver seu amor independente da honra, ou melhor, da desonra que deixaria como rastro. Porém, morre de tristeza e melancolia num monastério, lugar religioso, recatado.

Já Rita, do conto machadiano, é graciosa, é mulher bonita, serpente que envenena Camilo, mantém seu relacionamento extraconjugal e o ama tanto que teme perdê-lo. Mas, acima de qualquer coisa, ela é propriedade de seu marido que, ameaçado pelo invasor, tendo sua honra manchada e coberto pela lei, executa a esposa e o amante, lavando a alma do desrespeito, da ousadia de ambos de tomarem aquilo que lhe pertence. A sociedade brasileira do séc. XX diferencia-se da espanhola? Vemos que não. A mulher é controlada, submissa, tem de ser bela, recatada, do lar, honesta, bem falada, pois isso é ser uma virtuosa esposa. E é propriedade do marido, estando este amparado pelas leis/sociedade de punir os amantes.

## CONCLUSÃO

Como vimos, o estudo de temas é um campo que mesmo que seja intensamente trabalhado não apresentará esgotamento de fonte, pois os temas são móveis, flexíveis, polissêmicos e multiformes. E vimos também como o tema expõe a ideologia de uma época e como o imaginário se molda e modula no tempo e nas distintas culturas, além disso, evidencia adaptações e/ou transformações e/ou continuidade das ideias e costumes de diferentes épocas e culturas.

Comparamos dois contos de diferentes séculos e nacionalidades: “El Curioso Impertinente”, de Miguel de Cervantes, escritor espanhol do século XVII e “A Cartomante” de Machado de Assis, autor brasileiro do século XIX.

Vimos que no tempo de Cervantes, na Espanha, havia uma preocupação intensa com a honra. A infidelidade conjugal e a honra estavam profundamente interligadas, seja na

quantidade de vezes em que a palavra e suas variações aparecem no texto, seja na inquietação de Lotario em aceitar ou não a proposta de Anselmo.

Pudemos contemplar também com nossa análise comparativa que no Brasil do século XIX, o traído estava coberto por uma lei que permitia matar sua esposa adúltera e o amante, obviamente para não deixar sua honra manchada. É o que Vilela faz com sua esposa e seu amigo, amantes às escondidas.

Observamos como o ideal da mulher “bela, recatada e do lar” não se limita aos nossos dias nem à nossa cultura de atual. Desde muito tempo esse conceito foi construído e consolidado. Chegando ao extremo de considerar as esposas como propriedades que devem ser controladas, submissas, obedientes, discretas, recatadas e punidas quando preciso.

Assim, vimos como esse tema de situação, a infidelidade conjugal, serviu tão bem para esses dois geniais escritores de países, culturas e séculos distintos criticarem sociedades e ações humanas, revelando as ideias e costumes e, principalmente como se apresenta a figura feminina no contexto da traição matrimonial. Esperamos, dessa forma, ter revelado não só como os escritores se apropriaram do tema para compor sua narrativa, mas também esperamos ter explanado a relação entre o tema literário da infidelidade e o contexto histórico, ideológico e intelectual com que foi escrito, e a atuação da figura feminina.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Contos**. São Paulo: Ática, 1994.

CERVANTES, Miguel de. **Don Quijote de la Mancha**. Barcelona: CRÍTICA, 1998.

FONSECA, Daniel Gomes da. Não os matem! A figuração do uxoricídio em “A Cartomante” de Machado de Assis. **ENTRELETRAS**. Araguaína/TO, v. 3, n. 1, 2012, pp 39-52. Disponível em:

<[http://www.uft.edu.br/pgletras/revista/capitulos/\(03\\_n%C3%A3o\\_as\\_matem\\_a\\_figura%C3%A7%C3%A3o\\_do\\_uxoric%C3%ADdio\\_em\\_a\\_cartomante\\_de\\_m\\_de\\_assis\).pdf](http://www.uft.edu.br/pgletras/revista/capitulos/(03_n%C3%A3o_as_matem_a_figura%C3%A7%C3%A3o_do_uxoric%C3%ADdio_em_a_cartomante_de_m_de_assis).pdf)> Acesso em: 14/Fev/2015

FONSECA, Maria Augusta. “A Cartomante: ciladas do conto. In: FANTINI, Marli (Org.). **Crônicas da antiga corte: literatura e memória em Machado de Assis**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. pp. 185-213

GALÁN, Mercedes Alcalá. Algunos aspectos intertextuales en El Curioso impertinente. **Aiso. Actas III**, 1993, pp 9-14. Disponível em:

<[http://cvc.cervantes.es/literatura/aiso/pdf/03/aiso\\_3\\_3\\_003.pdf](http://cvc.cervantes.es/literatura/aiso/pdf/03/aiso_3_3_003.pdf)> Acesso em: 13/Dez/2014

GNISCI, Armando. **Introducción a la literatura comparada**. Traducción y adaptación bibliográfica de Luigi Giuliani. Barcelona: Crítica, 2002.

MARTÍNEZ, María del Mar Mañas. El Curioso Impertinente: Novela Cortesana y Ejemplar. **Actas III – Actas Cervantistas**, 1990, pp 389-402. Disponível em:

< [http://cvc.cervantes.es/literatura/cervantistas/coloquios/cl\\_III/cl\\_III\\_35.pdf](http://cvc.cervantes.es/literatura/cervantistas/coloquios/cl_III/cl_III_35.pdf)> Acesso em: 29/Out/2014.

PABÓN, Christine. Las ausencias en El Curioso Impertinente. **Con los pies en la tierra**. Don Quijote en su marco geográfico e histórico, pp 509-515. Disponível em:

<[http://cvc.cervantes.es/literatura/cervantistas/coloquios/cl\\_xii/cl\\_xii\\_35.pdf](http://cvc.cervantes.es/literatura/cervantistas/coloquios/cl_xii/cl_xii_35.pdf)> Acesso em: 13/Dez/2014

PAZUKHIN, Rostislao. Los curiosos impertinentes en la realidad española del siglo XVI. In: MARTÍNEZ MATA, E. (org.). **Cervantes y el Quijote. Actas del Coloquio Internacional**. Oviedo, 27-30 de Octubre de 2004. Madrid: Editorial Arco/Libros, 2007. pp. 179-194

PÉREZ-PEDRERO, Susana G. **Literatura Comparada y Tematología**. Revista Exemplaria, V. 06, 2002, Universidad de Huelva, pp. 209-228. Disponível em:

<<http://rabida.uhu.es/dspace/handle/10272/1807>> Acesso em: 04/Ago/2014

SAES, Moema Cotrim. O dramático na ironia. **Olho d'Água**, São José do Rio Preto, 1(2): pp 99 - 107, 2009. Disponível em:

< <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/view/29/48>> Acesso em: 20/Fev/2015 34

SIEBER, Harry. Preliminar. In: CERVANTES, Miguel de. **Novelas Ejemplares I**. 12. ed. Madrid: Catedra Letras Hispanicas, 1989, pp. 13-17

SILVA, Auda Ribeiro. O desejo em A Cartomante. **Anais Eletrônicos do IV Seminário Nacional Literatura e Cultura**. São Cristóvão/SE, V. 4, 3 e 4 de maio de 2012. Disponível em: <

[http://200.17.141.110/senalic/IV\\_senalic/textos\\_completos\\_IVSENALIC/TEXTTO\\_IV\\_SENALIC\\_113.pdf](http://200.17.141.110/senalic/IV_senalic/textos_completos_IVSENALIC/TEXTTO_IV_SENALIC_113.pdf)> Acesso em: 21/Fev/2015

SILVA, Janiane Ribeiro. **A Cartomante: tragédia revestida de ironia**. UEP, 2014.

Disponível em: <

<http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/3365/PDF%20-%20Maria%20Aparecida%20Pereira%20da%20Silva.pdf?sequence=1>> Acesso em: 20/Fev/2015

SILVA, Teresinha V. Zimbrão da. “A Cartomante” de Machado de Assis: Uma leitura interdisciplinar. **Juiz de Fora**, v. 7, n. 13, jan./jun. 2008. Disponível em:

<

[http://www.cesjf.br/revistas/verbo\\_de\\_minas/edicoes/2008\\_1/02\\_A\\_Cartomante\\_de\\_Machado\\_de\\_Assis.pdf](http://www.cesjf.br/revistas/verbo_de_minas/edicoes/2008_1/02_A_Cartomante_de_Machado_de_Assis.pdf)> Acesso em: 21/Fev/2015

TROCCHI, Ana. Temas y mitos literarios. In: GNISCHI, Armando (Org.). **Introducción a la literatura comparada**. Barcelona: Editorial Crítica, 2001. pp. 129-169

URBINA, Eduardo. Ironía medieval, parodia renacentista y la interpretación del Quijote.

**Actas VIII – Actas Cervantistas**, 1983, pp 669-680. Disponível em:

< <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=871217&orden=41894&info=link> >

Acesso em: 30/Mar/2015